

Reintrodução de Orquídeas no Rio Grande do Sul.

Lucas Coelho de Assis
cycnoches@gmail.com

Resumo: Em uma fazenda a sudeste do Rio Grande do Sul esta sendo feita a reintrodução e acompanhamento de algumas espécies de plantas originárias da região. As orquídeas reintroduzidas em área anteriormente ocupada por pasto foram *Laelia purpurata*, *Cattleya intermedia* e *Cattleya leopoldii*. As primeiras plantas foram adquiridas em orquidários comerciais e estas, quando floriram, foram polinizadas. Reintroduções posteriores já foram feitas com seedlings obtidos a partir das plantas matrizes.

Palavras chave: *Laelia purpurata*, *Cattleya intermedia*, *Cattleya leopoldii*, reintrodução.

Abstract: (*Reintroduction of orchids in Rio Grande do Sul State*). In a farm in the Southeastern region of Rio Grande do Sul state, Brazil, a project of reintroduction and following up of some native species is under development. The orchids that were brought in are *Laelia purpurata*, *Cattleya intermedia* and *Cattleya leopoldii*. The first plants were bought at commercial orchid nurseries and, when those plants bloomed, they were pollinated. Later reintroductions were done with seedlings grown from those mother plants.

Key Words: *Laelia purpurata*, *Cattleya intermedia*, *Cattleya leopoldii*, reintroduction.

Desde criança sou fascinado por plantas, especialmente pelas orquídeas; o fato dos meus pais também gostarem delas e de cultivarem um belo jardim em casa me proporcionou uma infância agradável, no qual cresci cercado pela natureza, mesmo morando numa cidade como Belo Horizonte. Aos 11 anos de idade me associei a AMO (Associação Mineira de Orquidófilos) e iniciei minha coleção de orquídeas. Durante as férias escolares costumava ir a Petrópolis para visitar uma tia. Lá o programa predileto era “trocar” meu dinheiro economizado durante o ano por orquídeas: Quinta do Lago, Binot e Florália eram minhas “casas de câmbio” favoritas.

Embora tenha nascido e crescido em “cidade grande”, meu coração sempre foi “do mato”. O que me admirava mesmo era ver as orquídeas crescendo nas matas, sobre as árvores, rochas e palmeiras. Com o tempo, comecei a associar orquídeas em vasos a passarinhos na gaiola. Nos 1.000 m² de terreno da casa dos meus pais em Belo Horizonte, as árvores e palmeiras do jardim já nem suportavam tantas orquídeas. O orquidário construído nunca foi meu foco de interesse, para mim é muito mais prazeroso ver uma orquídea florindo numa árvore do que em um vaso.

Aos 18 anos ganhei dos amigos orquidófilos Friedrich Johannes Darmstadter e Elfriede Kaucher Darmstadter o livro “Iconografia de Orchidaceas do Brasil”, de F.C. Hoehne, e me encantei com as fotografias antigas presentes na obra, as quais mostravam touceiras de orquídeas sobre rochas e troncos de árvores, muitas delas no habitat natural (Hoehne, 1949). Fiquei imaginando se aquelas touceiras de plantas, fotografadas a mais de 60 anos, ainda existiam, com tanta destruição provocada pela urbanização, desmatamento, coleta predatória, etc, a resposta só poderia ser desanimadora. Formei-

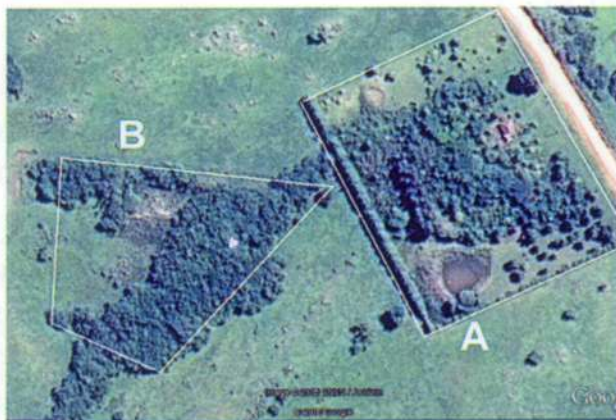


Fig. 1. Vista geral das duas áreas - A: área 1 com a coleção de árvores e palmeiras; B: área 2 com a mata e afloramentos. (Fonte: Google Earth, 2015).



Fig. 2. Área 1 com a plantação de árvores e palmeiras, o local anteriormente era um potreiro. (Foto: Kelen Soares).



Fig. 3. Matações de rocha granítica no interior da mata: área 2, antes de ter sido cercada para impedir a presença do gado. (Foto: Lucas Assis).



Fig. 4. Aspecto do interior da mata (Área 2) mostrando a regeneração natural logo após o cercamento da área. (Foto: Lucas Assis).



Fig. 5. Mudras de palmeira-juçara (*Euterpe edulis*) plantadas para enriquecer a mata. (Foto: Kelen Soares).



Fig. 6. Mudras da rara palmeira *Trithrinax brasiliensis* plantadas na borda da mata (Área 2). (Foto: Kelen Soares).

me em Biologia e comecei a trabalhar esperando um dia ver na natureza aquele “jardim natural”, e, sempre que via algo semelhante, a ameaça estava próxima: era uma mineradora, uma estrada, uma cidade em crescimento, ou havia vestígios de fogo... Com o tempo passei a pensar sobre a possibilidade de “recriar” aquelas paisagens fotografadas no livro do Hoehne.



Fig. 7. Seedlings dentro dos frascos no laboratório Plantech. (Foto: Sandra Takebayashi).



Fig. 8. Aclimatização dos seedlings fora dos frascos. (Foto: Lucas Assis).



Fig. 9. Seedlings em coletivos, prontos para o plantio na mata. (Foto: Sandra Takebayashi).



Fig. 10. Seedling tamanho 2" já enraizado. (Foto Lucas Assis).



Fig. 11. Mudas plantadas na mata já iniciando o enraizamento. (Foto: Lucas Assis).



Fig. 12. Processo de enraizamento após o plantio. (Foto: Lucas Assis).

Em 2007, com 26 anos, me associei à OrquidaRio, incentivado pela amiga Maria do Rosário, e conheci meu amigo e hoje sócio Kelen Soares, engenheiro florestal. Ele, assim como eu, gostava muito de plantas e desde 2004 havia começado uma coleção em sua propriedade, no sudeste do Rio Grande do Sul, que poderia ser comparada a um pequeno “jardim botânico” (Fig. 1). A coleção de palmeiras, com mais de 100 espécies,



Fig. 13. Seedlings de Orquídeas recém plantados na mata. (Foto: L. Assis).

sempre teve destaque, mas desde que eu comecei a freqüentar sua propriedade, outras famílias botânicas foram sendo ampliadas tais como: Bromeliaceae, Amarylidaceae, e principalmente Orchidaceae. Com cerca de 80 hectares, duas partes da propriedade, com dois hectares cada, foram cercadas para impedir a entrada do gado (caprinos, ovinos



Fig. 14. *Cattleya leopoldii* florindo na mata. (Foto: L. Assis).



Fig. 15. Detalhe das flores de *Cattleya leopoldii*. (Foto: L. Assis).



Fig. 16. Grupo de *Cattleya leopoldii* introduzidas na mata. (Foto: L. Assis).



Fig. 17. Detalhe das flores de *Cattleya leopoldii*. (Foto: L. Assis).



Fig. 18. *Cattleya leopoldii* introduzida na mata. (Foto: L. Assis).



Fig. 19. Seedlings de *Cattleya leopoldii* plantados na Corticeira (*Erythrina crista-galli*). (Foto: L. Assis).

e bovinos), a primeira área era um antigo potreiro que deu lugar às coleções de palmeiras e árvores (Fig. 2), a segunda área engloba uma mata com duas nascentes e uma área



Fig. 20. *Laelia purpurata* introduzidas.
(Foto: L. Assis).



Fig. 21. Grupo de *Laelia purpurata* florescendo na mata. (Foto: L. Assis).



Fig. 22. Lucas coletando políneas de *Laelia purpurata* plantada na mata. (Foto: K. Soares).



Fig. 23. *Laelia purpurata* var. 'Werkhauserii' sendo polinizada. (Foto: K. Soares).



Fig. 24. Grupo de *Laelia purpurata* plantadas sobre "matacão" de granito. (Foto: K. Soares).



Fig. 25. *Laelia purpurata* crescendo na mata. (Foto: L. Assis).

aberta com afloramento rochoso na borda. Foi nesta segunda área que sonhamos recompor e criar o "jardim das orquídeas"; embora fosse historicamente ocupada pelo gado, fato que impedia a regeneração natural de árvores e das plantas de sub-bosque, a mata ainda



Fig. 26. *Laelia purpurata* e a bromélia *Vriesea friburguensis* florindo na Corticeira-da-Serra (*Erythrina falcata*). (Foto: L. Assis).



Fig. 27. *Cattleya intermedia* reintroduzida e totalmente adaptada. (Foto: L. Assis).



Fig. 28. *Cattleya intermedia* var. *alba*. (Foto: L. Assis).

bromélias *Vriesea gigantea* Gaudich., *V. friburguensis* Mez., *Billbergia nutans* H.H.Wendl. ex Regel e *Billbergia zebrina* (Herb.) Lindl. Muitas árvores antigas ali presentes servem como boas hospedeiras para orquídeas, entre elas a corticeira-do-

era linda, cheia de enormes blocos de rocha granítica (matacões) cobertas de musgo, líquens e samambaias, além de abrigar milhares de bromélias do gênero *Tillandsia* (Figs. 3 e 4). Dentre as Orchidaceae mais frequentes, várias micros, tais como: *Capanemia* spp., *Pleurothallis* spp., *Octomeria* spp., *Oncidium* spp., *Campylocentrum* spp. Na borda da mata e em áreas abertas vem sendo plantadas mudas de plantas raras e ameaçadas do bioma pampa, principalmente de açucena (*Hippeastrum vittatum* (L'Hér.) Herb) e da palmeira *Thrillerinax brasiliensis* Mart., todas feitas a partir de sementes coletadas na região (Fig. 6). Outras palmeiras como a juçara (*Euterpe edulis* Mart.) (Fig. 5), a guaricanga (*Geonoma schottiana* Mart.), além de várias espécies arbóreas foram produzidas com o objetivo de enriquecer a mata, e nas árvores foram "semeadas" as

banhado (*Erythrina crista-galli* L.), tarumã-de-espinhos (*Cytharexylum montevidense* (Spreng.) Moldenke) e a açoita-cavalo (*Luehea divaricata* Mart. & Zucc.) (Menezes, 2009).

Em 2009 começamos a comprar orquídeas para plantar na mata, principalmente *Laelia purpurata* Lindl. & Paxton, *Cattleya leopoldii* Verschaff. ex Lem. e *Cattleya intermedia* Grah., por serem estas as que mais sofrem com a coleta predatória no Rio Grande do Sul. Na busca por variedades de cores, adquirimos várias mudas de orquidários



Fig. 29. Grupo de *Cattleya intermedia* florescendo. (Foto: L. Assis)

severas e freqüentes, num período médio de ocorrência de 10-25 dias anuais), a alta umidade relativa do ar e a neblina durante boa parte do ano garantem um rápido enraizamento e as plantas parecem agradecer o fato de terem saído dos vasos e voltado às árvores e rochas, como viviam originalmente suas matrizes (Figs 10, 11 e 12).

Algumas pessoas achavam loucura “gastar dinheiro comprando orquídeas para plantar no mato”, no entanto eu sentia que estava contribuindo com a preservação daquela mata e com as interações entre os seres que dependem destas plantas cada vez mais raras no habitat. Após o tempo de adaptação, comecei polinizar estas orquídeas com o objetivo de conseguir cápsulas, algumas seriam enviadas para o laboratório Plantech em Atibaia (Fig. 7), outras permaneceriam nas plantas para disseminarem naturalmente, uma vez que o ambiente era propício para o desenvolvimento de micorrizas, visto a vasta quantidade de micro-orquídeas.

como Carlos Gomes, Florália, Chácara Bela Vista, Oriental, Aranda, Binot e Santa Cruz. A cada dois ou três meses vou até a propriedade onde, juntamente com o Kelen, plantamos as novas aquisições. Tarefa que exige, por vezes, o uso de uma escada comprida e coragem para se dependurar nos galhos das árvores mais altas. O clima local é perfeito para elas: “Cfb” segundo a classificação de Köppen, clima temperado, com verão ameno; chuvas uniformemente distribuídas, sem estação seca, a temperatura média do mês mais quente não chega a 22°C. Precipitação 1.477 mm anuais. Geadas



Fig. 30. *Cattleya intermedia* reintroduzida. (Foto: L. Assis).



Fig. 31. População natural de *Cattleya intermedia* frutificando em área próxima. (Foto: L. Assis).

plantas sem esfagno enraizaram melhor e mais rápido (este teste também foi feito com as espécies *Laelia purpurata* e *Cattleya leopoldii* e mostrou resultados idênticos) (Fig. 13). Nossa experiência foi que quanto maiores os seedlings, maiores as chances de sobrevivência e adaptação na mata. A melhor época do ano para plantar os seedlings é no fim do inverno (fim de agosto até meio de setembro), quando as temperaturas estão amenas, chove com maior frequência e a evapotranspiração das plantas não é muito alta.

As figuras 14 a 30 são uma pequena amostra dos resultados obtidos ao longo dos últimos sete anos. Ano passado fiquei surpreso e feliz ao ver os primeiros seedlings nascidos na mata (Fig. 32). É a realização de um sonho ver estas orquídeas crescendo e se reproduzindo sozinhas. Lembrei-me do livro do David Miller onde ele cita a reintrodução de *Laelia crispa* (Lindl.) Rchb. f. em Macaé de Cima (Miller e Warren, 1994). Ele foi talvez um dos primeiros orquidólogos apaixonados que decidiram “voltar com as plantas para a natureza”, servindo-me de inspiração, bem como Hélio Tessmer com o seu artigo que incentivava a implantação de jardins naturais com reintrodução da *Cattleya intermedia* no estado do Rio Grande do Sul (Tessmer, 2008).

Estou consciente de que são muitas ameaças, desafios e incertezas, mas valeu a pena tentar! Hoje em dia essa idéia vem se expandindo. Logo a área de mata cercada deve aumentar e no laboratório estão crescendo outros seedlings de sementes coletadas na natureza em outras regiões do

Os primeiros seedlings recebidos do laboratório foram de *Cattleya intermedia*, eram seedlings muito pequenos, recém saídos dos frascos, e muitos não sobreviveram (Fig. 8). Na segunda remessa de seedlings as plantas já estavam um pouco maiores, perfeitamente aclimatadas fora dos frascos, com pequenos pseudobulbos e folhas mais rígidas, aproximadamente no tamanho 2" (Fig. 9). Parte foi amarrada às árvores com um pouco de esfagno (entre a planta e a árvore), e a outra parte sem o esfagno. Ambas receberam pulverização de vitamina B12 (Beneroc ® gotas), 20 gotas por litro, e 3 vezes por ano recebem adubação foliar rica em nitrogênio. As



Fig. 32. Primeiros seedlings germinados naturalmente após a reintrodução das orquídeas. (Foto: L. Assis).

país, como no meu estado natal, Minas Gerais. As mudas produzidas serão plantadas próximas da população natural da qual vieram. Entre as espécies posso citar: *Laelia angereri* Pabst (quase extinta na natureza na região de Diamantina, MG), *Cattleya loddgesii* Lindl. (do sul de Minas), *Cattleya bicolor* Lindl., *Laelia briegei* Blumensch. ex Pabst e *Laelia rupestris* Lindl. na região do Serro- MG.

Cada orquidófilo tem um importante papel na conservação de orquídeas, seja procurando saber a origem das suas plantas, adquirindo-as somente de orquidários sérios, que não contribuam com a destruição de habitats, ou tentando, de alguma maneira, preservar as populações naturais.

Literatura citada:

Hoehne, F. C. 1949. Iconografia de Orchidaceas do Brasil. São Paulo: Secretaria de Agricultura de São Paulo. 602 p.

Menezes, L. C. 2009. Orquídeas *Laelia purpurata*: a rainha. Brasília: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 243 p.

Miller, D.; Warren, R. 1994. Orchids of the High Mountain Atlantic Rain Forest in Southeastern Brazil. Rio de Janeiro: Salamandra Consultoria Editorial S.A. 182 p.

Tessmer, H. 2008. *Cattleya intermedia* Graham - Status ambiental, algumas histórias e algumas idéias para sua preservação no habitat. *Orquidário*, 22 (2): 60-70.



Bvorchids Bela Vista
Especializado em espécies naturais reproduzidos em laboratório buscando o melhoramento da qualidade.
Visite nosso catálogo virtual

Mais de trezentos espécies disponíveis
Solicite um orçamento sem compromisso

Enviamos lista de preço mediante solicitação

Rua Sebastião Leite do Canto - S/Nº (final da rua) - Assis - SP - Brasil
CEP: 19.800-121 - CX. Postal 203
Fone: 18-3324 8361 - Fax: 18-3325-1635
e-mail: belavista@bvorchids.com.br



Orquidário da Serra
São Pedro - SP

Plantas naturais e híbridas

Visite nosso site: www.orquidariodaserra.com.br

Loja física em Piracicaba - SP
Rua Alfredo Guedes, 300 - Alemães
Tel.: (19) 3433-3250
salvador@orquidariodaserra.com.br

C. Little Miss Charming x
Blc. Chinese Bronze